

FLOR^{DE}
LOTUS
DO VENTRE AO CAOS

SILVIO ACIOLI

FLOR^{DE}
LÓTUS

DO VENTRE AO CAOS



Copyright © Grupo Editorial Coerência, 2021

Copyright © Silvio Acioli, 2020

Todos os direitos desta edição reservados ao Grupo Editorial Coerência.
Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida através de
qualquer meio existente sem a autorização prévia da editora.

DIREÇÃO EDITORIAL
Lilian Vaccaro

PRODUÇÃO GRÁFICA
Giovanna Vaccaro

PREPARAÇÃO
Fernanda Dias

REVISÃO
Laryssa Fazolo

CAPA
Sara Ventuan

DIAGRAMAÇÃO
Michael Vasconcelos

DADOS
INTERNACIONAIS
DE CATALOGAÇÃO
NA PUBLICAÇÃO
(CIP)

Acioli, Silvio.
Flor de Lótus / Silvio Acioli. – 1ª edição – São Paulo: Coerência, 2021

ISBN: 978-65-87068-93-0

1. Ficção brasileira 2. Fantasia sombria I. Título

CDD: 869.3



São Paulo

Avenida Paulista, 326,

cj 84 - Bela Vista

São Paulo | SP – 01.310-902

www.editoracoerencia.com.br

NOTA

Este livro de ficção trata sobre o delicado assunto do suicídio.

É construída aqui uma mitologia própria sobre o tema, sem base em nenhuma religião específica.

Por ser uma fantasia, não tem intenção de influenciar ou ditar regras de conduta do leitor, preservando-se o direito de ser apenas um entretenimento.

Se você ou alguém que conheça sofre com esse assunto, por favor, procure o Centro de Valorização da Vida (CVV). Telefone: 188.

Para os enamorados que em suas desventuras
se perderam e para sempre deixaram de existir.

“Tive a sensação de vislumbrar a dimensão do mundo
quando experimentei ver pelos teus olhos”

Joana D’Arc

AGRADECIMENTOS

Um dia me disseram que todo mundo, antes de morrer, deveria plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho. Bom, receio que deixarei um desses itens devendo, mas não poderia deixar de registrar aqui minha imensa gratidão por algumas pessoas que ajudaram na realização deste sonho.

Tenho certeza de que todas, sem exceção, tiveram sua importância para que eu pudesse concluir esta obra. Infelizmente, algumas dessas pessoas já morreram, outras, por mais que ainda estejam respirando, se fazem de mortas. Mas agradeço profundamente toda experiência de vida, ou de quase morte.

Para minha família, gratidão eterna! Por sempre acreditar em mim e me incentivar na busca constante de meus sonhos. Ao apoio incondicional nos obstáculos da vida, e por nunca me deixarem desistir de acreditar em dias melhores.

Em especial, agradeço também aos meus amigos Lucas Cota e Tiago Flavia, ambos tiveram a chance de acompanhar os primeiros capítulos e me incentivaram bastante com críticas bem construtivas, sem dúvida suas opiniões foram de suma importância para que eu tivesse dado continuidade e, assim, concluir esta obra.

Por último, e não menos importante, Marcio Zanini. Um anjo endiabrado que surgiu nos acréscimos do segundo tempo

do desenvolvimento desta obra me mostrando o caminho das pedras. Escritor consolidado com duas obras publicadas, tive o privilégio de tê-lo como mentor nesta reta final.

Para todos que cito aqui e tantos outros que de alguma forma me ajudaram na realização desta conquista, meu eterno agradecimento!

PREFÁCIO

O mundo real pode ser tão cruel quanto os pesadelos. Aquele que construímos com intensa dor.

Podemos cultivar momentos bons ou ruins e construir alicerces para crescer com sabedoria, porém, escolhas erradas podem tornar o processo difícil e, se não soubermos lidar com as adversidades, sucumbimos.

Os livros sagrados, nas variadas religiões, contam histórias sobre o pós-morte, mas tudo não passa de especulação. As pessoas criam histórias que confortem, causem medo ou apenas que tentam explicar o que não compreendem.

Costumava me perguntar se teria outra vida depois desta. Talvez não me desse nem conta de estar morto: como um salto no tempo. Seria projetado para dentro do ventre de alguma espécie em início de gestação? Ou teria consciência do que me acontecera e vagaria em um mundo paralelo, observando tudo e todos, sem poder interagir com absolutamente nada e ninguém por toda minha existência espírita?

Ainda acredito que possa ser muito pior. Sua morte reflete exponencialmente os fatos que você teve em vida, dependendo, o plano espiritual apresentaria o verdadeiro paraíso, ou o mais temido inferno.

Essa teoria pode ser discutida em vários meios religiosos, mas, se fosse verdadeira, paraíso e inferno seriam apenas consequências do que se faz em vida, e o próprio indivíduo seria o principal arquiteto deste mundo majestoso. Não existiria para onde fugir: seria apenas uma criação do subconsciente.

Não se trata de criar múltiplas personalidades, mas de uma fuga daquela realidade que não se pode mais sustentar. Em um mundo em que desde o nascimento somos ensinados a dar o nosso melhor, trabalhar pelo enriquecimento alheio e aceitar humilhação em várias esferas da vida — no amor, na amizade e até na família —, o sorriso se apaga sem que se note. Ao perceber, fomos excluídos de uma sociedade da qual nem sequer fizemos parte. Mas isso não é de hoje. Na ideia de que cada indivíduo é uma ilha, nos distanciamos cada vez mais do propósito real da vida.

Ser desvalorizado é cruel; a rejeição é uma tortura. Na dor do cotidiano, vive-se no anseio por um amanhã melhor, e os dias se tornam fardos. Passa-se a viver como em uma peça de teatro, disfarçando a dor atrás dos olhos marejados e, minuto a minuto, esvai-se a vida que tinha tudo para brilhar.

Todos os dias conhecemos alguém que esteja na lama, numa sujeira invisível. O egoísmo não nos permite enxergar o tamanho do limo, ou estender a mão, e todo maldito dia alguém especial morre. Para quem continua vivo, sobra a culpa por não ter feito o suficiente.

Novos ciclos se iniciam constantemente. Novas e incontáveis vidas. Boas ou ruins serão apenas questão de sorte.

Já fui chamada de muitos nomes. Vagabunda, Joana, puta, vadia. Todos os dias, quando acordo, penso em qual serei hoje.

— Joana! Acorda, desgraçada. Não trabalho noite após noite para sustentar seu vício — esbravejou a mãe.

— Porra, me deixa... — resmungou de volta.

Pelo menos ela começou o dia pelo meu nome.

— Levanta desta cama agora, infeliz. Não ouse me responder ou te quebro os dentes.

Joana tenta ignorar a mãe que, irritada, arremessa o primeiro objeto que encontra. O despertador acerta a cabeça da garota, fazendo o som seco da pancada no osso ecoar pelo quarto.

— Você ficou louca? Olha o que você fez — gritou assustada com a ousadia.

Joana pulou da cama com os instintos de defesa ligados. Levou a mão à testa, conferindo os dedos com sangue em seguida.

— Esse *cortinho* não se compara ao desgosto que sinto. — Finalizou com expressão satisfeita, antes de sair do quarto.

Joana correu até o banheiro do lado de fora da humilde casa. O lavabo era precário, a porta quase caindo, apenas uma bacia contendo água escura. Joana não percebeu no instante em que

acordou, mas já não estava na mesma residência que conhecia havia tantos anos. Só notou o disparate enquanto urinava.

Não reconheceu o lugar, não reconhecia seu reflexo na poça d'água no chão sujo.

Sua mãe continuava gritando palavras de ordem ao longe. Tão logo um barulho foi se misturando com os berros, transformando-se em estrondos, aproximando-se do banheiro, sobressaindo os gritos, reverberando gravemente em seus tímpanos, cada vez mais próximo da porta.

Assustada com o desconhecido, aquele banheiro sujo e caindo aos pedaços tornou-se seu refúgio, sua única proteção contra aquilo que se aproximava.

Até que o barulho parou ao lado, e ela escutou o lamento.

— Joana, venha aqui, meu amor, preciso muito te dar um abraço. Eu te imploro. Eu te amo demais.

A mulher de antes tinha a face da mãe, mas o comportamento era mais agressivo do que de costume. Ela jamais lhe causara danos físicos além dos psicológicos. Aquela não era sua mãe, não mesmo. Essa que agora falava parecia mais real.

Joana começou a chorar, imersa em um pesadelo sem precedentes. Sem saber a quem recorrer, não teve alternativa a não ser abrir a porta, mas não havia mais ninguém ali.

— Mãe? O que está acontecendo? Onde você está? — suplicou, dando os primeiros passos ao desconhecido.

— Aqui, minha filha, aqui. — O tom risonho da resposta fez Joana voltar à realidade de que não deveria confiar na mulher.

Desesperada, andava desordenada pelo enorme quintal rodeado por uma floresta tão escura quanto a noite mais trevosa, tendo agora como companhia somente os gemidos de animais ao redor.

– Minha filha, minha filha, minha filha! 1, 2, 3, 4 e 5: onde está você, minha filha? – a mãe perguntou.

O medo tomava conta de seu corpo. Desesperada, viu a imagem de seu pai na escuridão da floresta e correu em sua direção. Uma força maior a guiava, o medo do desconhecido era menor do que a ideia de confrontar a mulher, que já demonstrara ter perdido toda a sanidade.

Joana atravessou o limite do quintal e invadiu a floresta. Não enxergava mais de dois metros à frente e, mesmo assim, continuou correndo enquanto os gritos da mulher que a procurava ficavam mais distantes.

– Seja bem-vinda, minha filha. Seja bem-vinda à minha casa.

Uma poderosa e imponente voz se manifestou no ar. Joana, ao se deparar com o som, tropeçou numa pedra, bateu a cabeça numa árvore e caiu, inconsciente.